

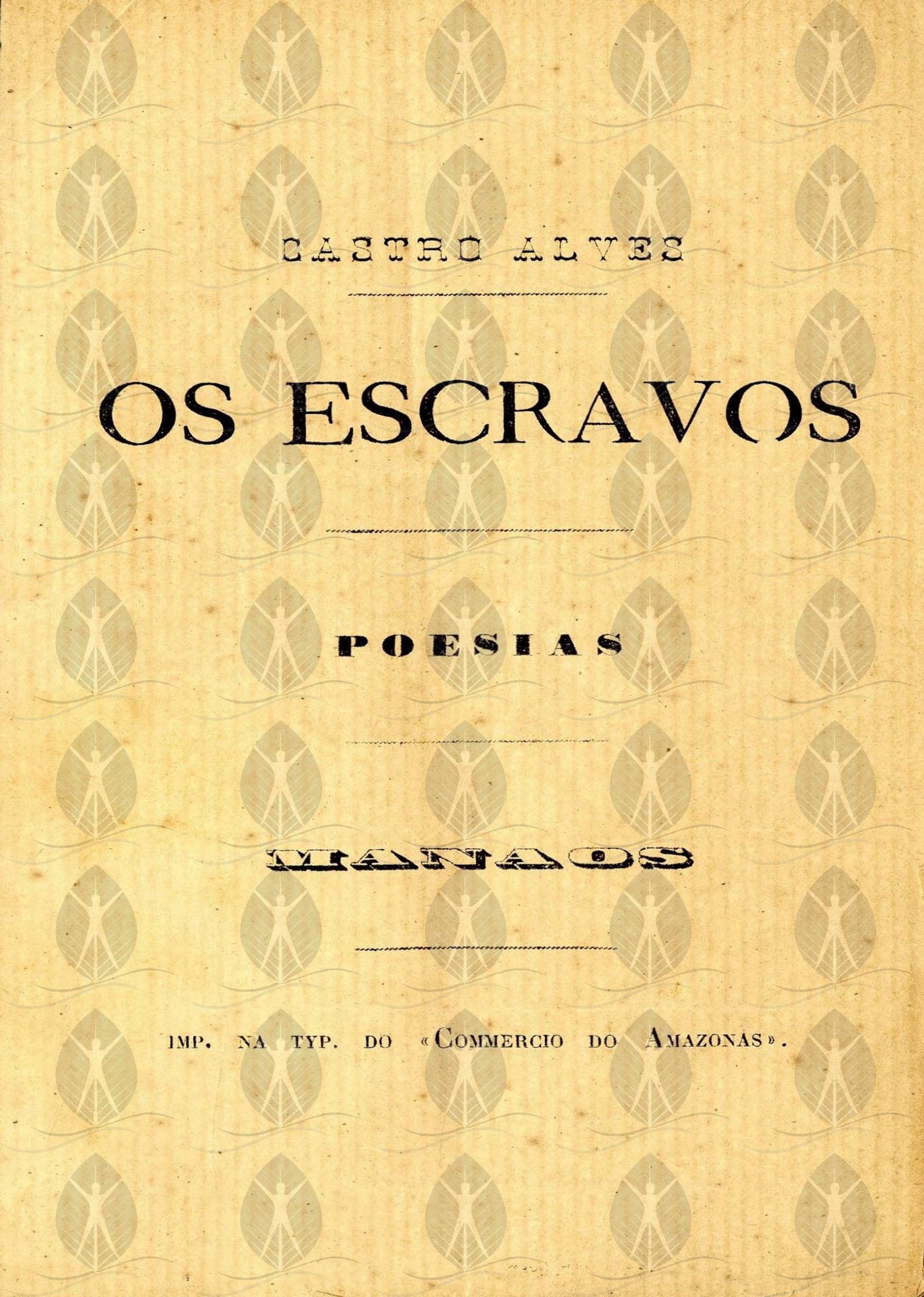
GRATIS PRO ALIIS

OS ESCRAVOS

POISSONS



560-39592
-J4699-

The background of the book cover is a repeating pattern of stylized, light-colored leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised, standing on a small base. The leaves are arranged in a grid, with wavy lines separating the rows.

CASTRO ALVES

OS ESCRAVOS

POESIAS

MANAOS

IMP. NA TYP. DO «COMMERCIO DO AMAZONAS».



Sebastião Gomes de Lima
7/9/1909

A's Sociedades Abolicionistas
de Manaos

Não podemos resistir ao desejo de concorrer
com o nosso fraco esforço para a grande obra do
progresso humanitário.

Cada um dá o que tem.

No gasophylacio do Augusto Templo da
Liberdade vimos depositar tambem nosso obulo.

Queremos que o producto desse nosso traba-
lho typographico seja applicado em prol da li-
bertação dos miseros captivos desta provincia.

Eis nossa offerenda, dignae=vos acceital=a
e seremos contentes.

Manaos, 16 de Junho de 1884.

MANOEL URSULO UCHÔA.

AUGUSTO THOMÉ WANDERLEY.



Vozes d' Africa

Deus! ó Deus! onde estás, que não respondes!
Em que mundo, em qu'estrella tu t'escondes
Embuçado nos ceus?

Ha dous mil annos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito . . .
Onde estás, Senhor Deus?

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé! . . .

Por abutre— me déste o sol ardente!
E a terra de Suez —foi a corrente
Que me ligaste ao pé . . .

O cavallo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
E morre no areial.
Minha garupa sangra, a dôr poreja,
Quando o chicote do *simoun* dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são bellas, são ditosas . . .
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
 Dos *harens* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embala-se coberta de brilhantes
 Nas plagas do Indostão.

Por tenda—tem os cimos do Hymalaia . . .
O Ganges amoroso beija a praia.
 Coberta de coraes . . .
A brisa de Mysora o ceu inflamma;
E ella dorme nos templos do deus Brahma,
 Pagodes colossaes . . .

Europa—é sempre Europa, a gloriosa! . . .
A mulher deslumbrante e caprichosa,
 Rainha e cortezã.
Artista—corta o marmor de Carrára;
Poetisa—tange os hymnos de Ferrára,
 No glorioso afan! . . .

Mas eu senhor! . . . Eu triste, abandonada
Em meio dos desertos, esgarrada,
 Perdida marchou em vão!
Se choro . . . bebe o pranto a areia ardente!
Talvez . . . p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
 Não descubras no chão!

E nem tenho uma sombra na floresta,
Para cubrir-me, nem um templo resta
No sólo abraçador . . .
Quando subo as pyramides do Egypto,
Embalde aos quatro ceus, chorando, grito :
«Abriga-me, Senhor! . . .»

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Vello a cabeça no areial que volve
O sirôco feroz . . .
Quando eu passo no Sahara amortalhada,
Ai! dizem : «Lá vae Africa embuçada
No seu branco alburnoz . . . »

Nem vêem que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campeia solitario
Por sobre o peito meu.
Lá, no sólo ende o cardo apenas medra,
Boceja o Sphinge colossal de pedra,
Fitando o morno ceu.

De Thebas nas columnas derrocadas.
As cegonhas espiam, debruçadas,
O horisonte sem fim . . .
Onde branqueja a caravana errante
E o camello monotono, arquejante,
Que desce de Ephraim . . .

Não basta ainda de dôr, ó Deus terrível?!...
E' pois teu peito eterno, inexaurível
De vingança e rancor?
E o que é que fiz, Senhor?! que torvo crime
Eu commetti jámais, que assim me opprime
Ten gladio vingador?!...

Foi depois do deluvio... Um viandante,
Negro, sombrio, pallido, arquejante,
Descia do Ararat...
E eu disse ao peregrino fulminado:
« Chan, serás meu esposo bem amado...
Serei tua Eloá... »

Desde este dia, o vento da desgraça
Por meus cabellos, ululando, passa
O anathema cruel;
As *tribus* erram do areial nas vagas,
E o *Nomada* faminto corta as plagas
No rápido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
Vi meu povo seguir—Judeu maldito—
Trilho de perdição...
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa—arreatada,
Amestrado falcão!...

Christo! embalde morreste sobre um monte . . .
Teu sangue não lavou da minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos—alimária do Universo . . .
Eu—pasto universal !

Hoje em meu sangue a America se nutre :
—Condôr, que trasformára-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ella juntou-se ás mais . . . irmã traidora !
Qual de José os vís irmãos, outr'ora,
Venderam seu irmão !

Basta, Senhor ! De teu potente braço
Róle através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus !
Ha dous mil annos—eu soluço um grito . . .
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus ! Senhor, meu Deus ! . . .





Tragedia no lar

Na senzala humida, estreita,
Brilha a chamma da candeia,
No sopé se esgueira o vento
E a luz da fogueira. ateia.

Junto ao fogo, uma africana,
Sentada, o filho embalando,
Vae lentamente cantando
Uma tyranna indolente
Repassada de afflicção.
E o menino ri contente. . .
Mas treme e grita gelado
Se nas palhas do telhado
Ruge o vento do sertão.

Se o canto pára um momento,
Chora a creança imprudente. . .
Mas continúa a cantiga. . .
E ri sem vêr o tormento
D'aquelle amargo cantar.
Ai! triste, que enchugas rindo

Os prantos que vão cahindo
Do fundo mateino olhar,
E nas mãosinhas brilhantes
Agitas como diamantes
Os prantos do seu penar...
E a voz como um soluço lacerante
Continúa a cantar :

«Eu sou como a garça triste
«Que mora á beira do rio,
«As orvalhadas da noite
«Me fazem tremer de frio.

«Me fazem tremer de frio,
«Como os juncos da lagôa;
«Feliz da araponga errante
«Que é livre, que livre vôa.

«Que é livre, que livre vôa
«Para as bandas do seu ninho,
«E nas brahunas á tarde
«Canta longe do caminho.

«Canta longe do caminho
«Por onde o vaqueiro trilha,
«Se quer descansar as azas
«Tem a palmeira a baunilha.

«Tem a palmeira a baunilha,
«Tem-o brejo a lavadeira,
«Tem as campinas as flores,
«Tem a relva a trepadeira.

«Tem a relva a trepadeira,
«Todas tem os seus amores,
«Eu não tenho mãe nem filhos.»
«Nem irmão, nem lar, nem flores.»

A cantiga cessou. . . Vinha da estrada
A trote largo, linda cavalhada
Do estranho viajor.

Na porta da *fazenda* elles paravam,
Das mulas boleadas apeavam,
E batiam na porta do *senhor*.

Figuras pelo sol tismadas, lubricas,
Sorrisos sensuaes, sinistro olhar,
Os bigodes retorcidos,
O cigarro a fumegar,
O *rebenque* prateado
De pulso dependurado,
Largas chilenas luzidas
Que vão tinindo no chão,
E as garruchas embebidas
No bordado cinturão.

A porta da *fazenda* foi aberta ;
Entraram no salão.
Porque tremes, mulher? A noite é calma,
Um bulício remoto agita a palma
Do vasto coqueiral,
Tem perolas o rio, a noite lumes,
A matta sombras, o sertão perfumes,
Murmurio o bananal.

Porque tremes, mulher? que estranho crime,
Que remorso cruel assim te opprime
E te curva a cerviz?
O que nas dobras do vestido occultas?
E' um roubo talvez que ahi sepultas?
E' seu filho. . . infeliz! . . .

Ser mãe é um crime, ter um filho é um roubo!
Amal-o uma loucura! Alma, de todo
Para ti — não ha luz.
Tens a noite no corpo, a noite n'alma,
Pedra que a humanidade piza calma,
Christo que verga á Cruz!

Na hyperbole de ousado cataclysmo
Um dia Deus morreu. . . fusila um prisma
Do Calvario ao Thabor!

Viu-se então de Palmyra os petreos ossos,
De Babel o cadaver de destroços
Mais lividos de horror.

Era o relampejar da liberdade
Nas nuvens do chorar da humanidade,
Ou sarça do Sinai.
Relampagos que ferem de desmaiios . . .
Revoluções, vós d'elle sois os raios,
Escravos, esperae !

Leitor, se não tens desprezo
De vir descer ás senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcoice cruel,
Vem commigo, mas cuidado . . .
Que o teu vestido bordado
Não fique no chão manchado,
No chão do immundo bordel.

Não venhas tu que achas triste
As vezes a propria festa,
Tu, grande, que nunca ouviste
Senão gemidos da orchestra . . .
Porque despertar tu'alma,
Em sedas adormecida,
Esta escrescencia da vida
Que occultas com tanto esmero ?

E o coração tredo lodo,
Fezes d'amphora doirada,
Negra serpe que enraivada
Morde a cauda, morde o dorso,
E sangra ás vezes piedade,
E sangra as vezes remorso? . . .

Não venham esses que negam
A esmola ao leproso, ao pobre.
A luva branca do nobre
Oh! senhora não mancheis. . .
Os pés la pisam a lama,
Porem as fronteas são puras,
Mas vós nas faces impuras,
Tendes lodo, e luz nos pés.

Vinde ver como rasgam-se as entranhas
De uma raça de novos Prometheus,
Ai! vamos ver guilhotinadas almas
Da senzala nos vivos mausoleus.

« Escrava, dá-me teu filho !
Senhores, idel-o ver :
E' forte, de uma raça bem provada,
Havemos tudo fazer. »

Assim dizia o fazendeiro, rindo,
E agitava o chicote . . .

A mãe que ouvia
Immovel, pasma, douda, sem razão !

A' virgem santa pedia
Com prantos por oração ;
E os olhos ao ar erguia
Que a voz não podia, não.

« -Dá-me teu filho ! » repetiu fremente
O senhor, de sobr'olho carregado.

—Impossivel ! . . .

Que dizes, miseravel ? !

—Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...

Inda ha pouco o embalei; pobre innocente,
Que nem sequer presente

Que ides

Sim, que o vou vender !

Vender ? ! . . . Vender meu filho ? !

Senhor, por piedade, não . . .

Vós sois bom . . . antes do peito

Me arranqueis o coração !

Por piedade, matae-me ! E' impossivel

Que me roubem da vida o unico bem !

Apenas sabe rir . . . é tão pequeno !

Inda não sabe me chamar ! . . . Tambem

Senhor, vós tendes filhos... que não tem ?

Se alguém quizesse os vender
Havieis muito chorar,
Havieis muito gemer,
Dirieis a rir—perdão ?
Deixae meu filho . . . arrancae-me
Antes a alma e o coração !
—Cala-te, miseravel. Meus senhores,
O escravo podeis ver . . .
E a mãe em pranto aos pés dos mercadores
Atirou-se a gemer.

« —Senhores ! basta a desgraça
« De não ter patria nem lar,
« De ter honra e ser vendida,
« De ter alma e nunca amar !

« Deixae á noute que chora
« Que espere ao menos a aurora,
« Ao ramo secco uma flor,
« Deixae o passaro ao ninho,
« Deixae á mãe o filhinho,
« Deixae á desgraça o amor.

« Meu filho é-me a sombra amiga
« N'este deserto cruel . . .
« Flor de innocencia e candura,
« Favo de amor e de mel !

«Seu riso é minha alvorada,
«Sua lagrima dourada
«Minha estrella, minha luz !
«E' da vida o unico brilho!
«Meu filho ! é mais . . . é meu filho
«Deixae-m'o em nome da cruz ! . . .

Nada porem commove homens de pedra,
Sepulchros onde é morto o coração.
A creança do berço eil-os arrancam
Que os bracinhos estende e chora em vão!

Mudou-se a scena. Já vistes
Bramir na matta o jaguar,
E no furor desmedido
Saltar, raivando atrevido,
O ramo, o tronco estalar,
Morder os cães que o morderam . . .
De victima feito algoz,
Em sangue e horror envolvido,
Terrivel, bravo, feroz ?

Assim a escrava da creança ao grito
Destimida saltou,
E a turba dos senhores aterrada
Ante ella recuou.

«Nem mais um passo, cobardes !
«Nem mais um passo, ladrões !
«Se os outros roubam as bolsas,
«Vós roubaes os corações! . . .

Entram tres negros possantes,
Brilham punhaes traiçoeiros . . .
Rolam per terra os primeiros
Da morte nas contorsões.

.

Um momento depois a cavalgada
Levava a trote largo pela estrada
A creança a chorar.
Na fazenda o azorrague então se ouvia
E aos golpes—uma doida respondia
Com frio gargalhar! . . .



O NAVIO NEGREIRO



O NAVIO NEGREIRO

Tragedia no Mar.

I

'Stamos em pleno mar! . . . Doudo no espaço
Brinca o luar—dourada borboleta;
E as vagas após elle, correm . . . cançam
Como turbas de infantes inquieta !

'Stamos em pleno mar . . . Do firmamento
Os astros saltam como espumas d'ouro . . .
O mar em troca accende as ardentias,
—Constellação do liquido thesouro ! . . .

'Stamos em pleno mar! . . . Dous infinitos
Alli se estreitam n'um abraço insano . . .
Azues, dourados, placidos, sublimes!
Qual dos dous é o ceu ? Qual o oceano ?

'Stamos em pleno mar . . . abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre á flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas !

Donde vem ? onde vae ? Das náos errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço !
N'este Sahara os corceis o pó levantam,
Galopam, vôam, mas não deixam traço ! . . .

Bem feliz quem alli pode nest'hora
Sentir d'este painel a magestade !
Em baixo o mar . . . em cima o firmamento . . .
E no mar e no céu — a immensidade !

Oh ! que doce harmonia traz-me a brisa !
Que musica suave ao longe sôa !
Meu Deus ! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando a tôa !

Homens do mar ! O' rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos !
Creanças que a procella acalentára
No berço d'estes pelagos profundos !

Esperae, esperae! Deixae que eu beba
Esta selvagem, livre poesia;
Orchestra—é o mar, que ruge pela prôa,
E o vento que nas cordas assobia ! . . .

Porque foges assim, barco ligeiro ?
Porque foges do pavido poeta ?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar doudo cometa !

Albatroz! Albatroz! aguia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as pennas, Leviatan do espaço !
Alhatroz! Albatroz! dá-me estas azas !

II

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano!
Desce mais... ainda mais... não póde olhar humano,
Como o teu mergulhar no brigue voador !
Mas que vejo eu ahi? ! que quadro de amarguras!
Que funereo cantar! . . que tétricas figuras!
Que scena infame e vil, meu Deus ! meu Deus, que horror !

III

Era um sonho dantesco ! . . . o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar ! . . .
Tinir de ferros, estalar do açoute . . .
Legiões de homens negros como a noute,
Horrendos a dançar . . .

Negras mulheres, suspendendo ás tétas
Magras creanças, cujas boccas pretas
Rega o sangue das mães :
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ancia e magoa vãs !

E ri-se a orchestra ironica e estridente . . .
E da ronda phantastica a serpente
Faz doudas espiraes . . .
Se o velho arqueja . . . se no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala . . .
E vômam mais e mais ! . . .

Presas nos élos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança alli !

Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martyrios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E apoz fitando o ceu, que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros :
« Vibrai rijo o chicote, marinheiros !
Fazei os mais dansar ! . . . »

E ri-se a orchestra ironica, estridente ! . . .
E da ronda phantastica a serpente
Faz doudas espiraes . . .
Qual n'um sonho dantesco as sombras vôam ! . . .
Gritos, ais, maldições, preces resoam ! . . .
E ri-se Satanaz !

IV

Senhor Deus dos desgraçados !
Dizei-me vós Senhor Deus,
Se é mentira . . . se é verdade
Tanto horror perante os céus ! ?
O' mar, porque não apagas

Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão ?
Astros ! noites ! tempestades !
Rolai das immensidades !
Varrei os mares, tufão ! . . .

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar ?
Ama a cadencia do verso
Que lhe ensina o velho mar,
Cantai ! que a morte é divina !
Resvala o brigue á bolina
Como golpinho veloz.
Presa ao mástro da mesena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após !

Do hespanhol as cantilenas,
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor !
Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
—Terra de amor e traição,
Ou do golpho no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto ás lavas do vulcão !

O inglez—marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entôa patrias glorias,
Lembrando, orgulhoso, historias
De Nelson e de Aboukir. . .
O francez—predestinado—
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros helenos,
Que a vaga Ionia creou,
Bellos piratas morenos
Do mar—que Ulysses cortou;
Homens—que Phydias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos—que Homero gemeu! . . .
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do ceu! . . .

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a furia do algoz?
Quem são? Se a estrella se cala,

Se a vaga oppressa resvala
Como um cumplice fugaz,
Perante a noute confusa . . .
Dize-o tu, severa Musa,
Musa liberrima,—audaz! . . .

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nús,
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão! . . .
Hontem simples, fortes, bravos . . .
Hoje miseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão! . . .

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi tambem.
Que sedentas, alquebradas,
De longe . . . bem longe, vem!
Trazendo, com tibios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma—lagrimas e fel. . .
Como Agar soffrendo tanto,
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael.

Lá . . . nas areias infindas,
Das palmeiras no paiz,
Nasceram—crenças lindas,
Viveram—moças gentis . . .
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Scisma da noute nos véus . . .
Adeus, ó choça do monte,
Adeus, palmeiras da fonte,
Adeus, amores . . . adeus . . .

Depois, o areial extenso.
Depois . . . o oceano de pó.
Depois—no horisonte immenso
Desertos . . . desertos só.
E a fome, o cançao, a sêde,
Ai! quanto infeliz que céde,
E cae para não mais s'erguer,
Vaga um logar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Hontem—a Serra a Leôa,
A guerra, a caça ao leão,
O sommo dormido a tóa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje . . . o porão negro fundo,

Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar . . .
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar.

Hontem—plena liberdade,
A vontade por poder . . .
Hoje . . . cum'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer . . .
Prende-os a mesma corrente
Terrea, lugubre serpente,
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lugubre cohorte
Ao som do açoute . . . Irrisão ! . . .

Senhor Deus dos desgraçados !
Dizei-me vós, senhor Deus,
Se é mentira . . . se é verdade
Tanto horror perante os ceus ?! . . .
O' mar, porque não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão ?
Astros ! noutes ! tempestades !
Rolae das immensidades !
Varrei os mares tufão !

V

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infamia e cobardia . . . !
E deixa-a transformar-se n'essa festa
Em manto impuro de bachante fria ! . . .
Meu Deus ! meu Deus ! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gavea tripudia ?
Silencio, Musa . . . chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto !

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brazil beija e balança,
Estandarte que á luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança . . .
Tu que da liberdade apoz a guerra
Foste hasteado dos heróes na lança,
Antes te houvessem roto na batalha
Que servires a um povo de mortalha !

Fatalidade atroz que a mente esmaga !
Extingue n'esta hora o brigue immundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um iris no pélago profundo !
Mas é infamia de mais ! . . Da etherea plaga
Levantai-vos, heróes do Novo Mundo !
Andrada ! arranca esse pendão dos ares !
Colombo ! fecha a porta dos teus mares !

FIM.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA